

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

ÍNDICE

OLERÍCOLAS	2
SOJA E MILHO	3
FEIJÃO	4
BOVINOS	4
SUÍNOS	5
FRANGO	6
CODORNAS	7
COELHOS	8

A presente edição do Boletim Conjuntural apresenta a diversidade de cadeias produtivas do agronegócio no Paraná.

O setor de olericultura paranaense apresentou em 2024 uma colheita de 2,9 milhões de toneladas, com um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 7,1 bilhões. Dentro deste segmento, as hortaliças tuberosas, como batata e mandioca, exercem papel predominante ao ocupar mais de metade das superfícies cultivadas e gerar 44% do VBP setorial.

No âmbito das grandes culturas, o Paraná reafirma sua relevância nacional, especialmente na produção de feijão. Apesar da retração das áreas dedicadas à cultura e dos desafios impostos pela baixa pluviometria nas últimas semanas, o Estado mantém a

liderança absoluta, devendo responder por 22% de todo o volume produzido no Brasil. Simultaneamente, a safra de soja e a primeira safra de milho 2025/26 avançam no território paranaense, embora apresentem um ritmo ligeiramente inferior aos ciclos anteriores.

A pecuária paranaense também exibe números expressivos de crescimento e eficiência. Em 2025, o abate de bovinos no Estado registrou uma alta de 11,8%, superando o crescimento médio nacional.

No setor de frangos de corte, o Paraná demonstra competitividade técnica com custos de produção inferiores aos registrados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Já a suinocultura, apesar de enfrentar um recuo cíclico na rentabilidade no início deste ano, permanece como um pilar econômico relevante.

O boletim ainda explora setores em expansão, como a coturnicultura e a cunicultura, sendo que neste último o Paraná figura historicamente como o terceiro maior plantel do país.

Boa leitura!

OLERÍCOLAS

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

A classificação técnica das Hortaliças no Brasil amplificada pela Universidade Federal de Viçosa/UFV em Minas Gerais e apresentado por Fernando Filgueira no clássico da Engenharia Agrônômica “Novo Manual de Olericultura”, remonta os anos 30 do século passado. O conceito foi adaptado e aplicado na leitura do setor nas Centrais de Abastecimento/CEASA's desde suas implantações estratégicas pelo país, desde os anos 70 pretéritos.

Para fixação da assertiva reproduzimos *ipsis litteris*:

“Hortaliças-fruto – utilizam-se os frutos ou parte deles, como as sementes: tomate, melancia, quiabo, morango, feijão-vagem, etc.

Hortaliças herbáceas – aquelas cujas partes comerciáveis e utilizáveis localizam-se acima do solo, sendo tenras e suculentas: folhas (alface, repolho, taioba); talos e hastes (aspargo, aipo, funcho); flores ou inflorescências (couve-flor, brócolos, alcachofra).

Hortaliças tuberosas: as partes utilizáveis desenvolvem-se dentro do solo, sendo ricas em carboidratos: raízes (cenoura, batata-doce, rabanete e mandioquinha-salsa); tubérculos (batata, cará); rizomas (inhame); bulbos (alho e cebola).

Nas diversas CEASAs, tem-se cometido o engano – do ponto de vista agrônômico – de considerar melancia, melão e morango como “frutas” e não como hortaliças-fruto”. Este DERAL absorve o ‘engano’ e analisa as três culturas acima no rol da Fruticultura.

No entanto, quando focamos nas atividades da Olericultura, das mais de 50 espécies acompanhadas pelo departamento, temos no grupo:

Tuberosas: alho, alho-poró, batata, batata doce, batata salsa (mandioquinha), beterraba, cará, cebola, cenoura, inhame, mandioca (consumo in natura), rabanete e salsação.

Herbáceas: alface, agrião aquático, almeirão, aspargo, brócolis, broto de feijão, cebolinha (cheiro verde), coentro, couve, couve-chinesa, couve-flor, escarola/chicória, espinafre, nabo, repolho, rúcula e salsa (salsinha).

Frutos: abóbora, abóbora tetsukabuto (kabotiá), abobrinha verde, alcachofra, berinjela, caxi, chuchu, ervilha, feijão-vagem, jiló, maxixe, milho verde (espiga), milho verde doce (conserva), moranga, pepino, pimenta, pimentão, quiabo, tomate e tomate-cereja.

Assim em 2024 com um espaço explorado de 115,8 mil hectares (ha) pela olericultura paranaense, as colheitas alçaram 2,9 milhões de toneladas (t), e movimentaram

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

um Valor Bruto da Produção/VBP de R\$ 7,1 bilhões, o que representa 3,8% do montante dos R\$ 188,3 bilhões do VBP de toda a Agropecuária Paranaense no ano em tela.

As hortaliças tuberosas lideram os espaços e ocuparam uma área de 62,1 mil ha, cujas colheitas de 1,5 milhão de t geraram R\$ 3,1 bilhões em valores brutos, respondendo por 53,6% das superfícies, 54,1% dos volumes extraídos e 44,1% do VBP. Batata, mandioca, cenoura, cebola e beterraba despontam como as principais atividades, participando com 38,5% do total do VBP da olericultura.

As hortaliças herbáceas, com uma superfície cultivada 28,1 mil ha, renderam 596,4 mil t colhidas e R\$ 1,7 bilhão envolvidos, absorveram pela ordem, 24,2% área, 20,8% produção e 24,5% VBP. Alface, couve-flor, repolho, brócolis e a couve angariaram 19,7% do VBP do setor.

Por sua vez as hortaliças-fruto com R\$ 2,2 bilhões de VBP referentes às 716,5 mil t recolhidas em 25,6 mil ha, tem no tomate, pimentão, milho verde, pepino e abóbora as principais explorações. Estas cinco espécies aquinhoam 24,2% do valor bruto das hortas paranaenses.

Estas quinze hortaliças juntas representam 82,4% do VBP estadual da olericultura.

Numa digressão técnica o quilograma/kg das hortaliças-frutos apresentou um preço médio de R\$ 3,11/kg, enquanto as herbáceas R\$ 2,91/kg e as tuberosas R\$ 2,01/kg no período analisado.

SOJA E MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A colheita da safra de soja e da primeira safra de milho 2025/26 segue avançando no estado. No entanto, quando comparados às duas últimas safras, os percentuais atuais estão ligeiramente menores, indicando um pequeno atraso nos trabalhos de campo.

Nesta semana, a colheita da soja atingiu 70% dos 5,77 milhões de hectares previstos para o ciclo. No mesmo período da safra anterior, o percentual já superava os 80% de área colhida.

Para o milho da primeira safra, o cenário é semelhante. Dos quase 341 mil hectares plantados, cerca de 83% já foram colhidos. Na safra passada, nesse mesmo período, a colheita ultrapassava os 90% da área cultivada.

Já o plantio do milho segunda safra 2025/26 alcançou 83% dos 2,86 milhões de hectares previstos, também apresentando atraso em relação ao ritmo observado em ciclos anteriores.

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Os dados mais recentes divulgados pela Conab sobre a produção brasileira de feijão indicam uma retração no volume produzido. A expectativa é de que a safra atinja 2,9 milhões de toneladas, em uma área de 2,58 milhões de hectares. Esse recuo representa uma queda de 4,2% na área em comparação ao ciclo 24/25, com uma redução produtiva proporcional, segundo as estimativas atuais.

O Paraná é um dos principais responsáveis por esse cenário. A Conab aponta uma redução de 21,6% nas áreas dedicadas à cultura ao longo das três safras no estado, com destaque para a retração acentuada no feijão-preto (-27,6%). Tais tendências são corroboradas pelo acompanhamento de safras do Deral.

Apesar da menor área, o Paraná deve manter a liderança na produção nacional, respondendo por 22% do volume total. Enquanto a primeira safra estadual já foi encerrada com rendimentos levemente inferiores aos do ano anterior, a segunda safra, recém-plantada, começa a sofrer os efeitos da baixa pluviometria das últimas semanas. Atualmente, 86% das lavouras estão em boas condições e 14% em

condições médias — um declínio frente aos 94% e 6% registrados na semana anterior.

No mercado, as expectativas de menor oferta impulsionaram as cotações, mesmo com o avanço da colheita da primeira safra. Apesar de um recuo pontual na última semana, a tendência é que os valores de março superem a média de fevereiro e fiquem significativamente acima dos patamares de março de 2025.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo os dados da Pesquisa Trimestral do Abate, elaborada pelo IBGE, o ano de 2025 foi de maior volume de bovinos abatidos, tanto no Paraná quanto a nível nacional. Enquanto em 2024 o total de cabeças abatidas no estado atingiu 1.467.331 animais, 2025 registrou um aumento de 173.429 cabeças, ou 11,8%. Considerando a atividade nacional, o aumento foi de 3.245.962 cabeças, ou 8,17%.

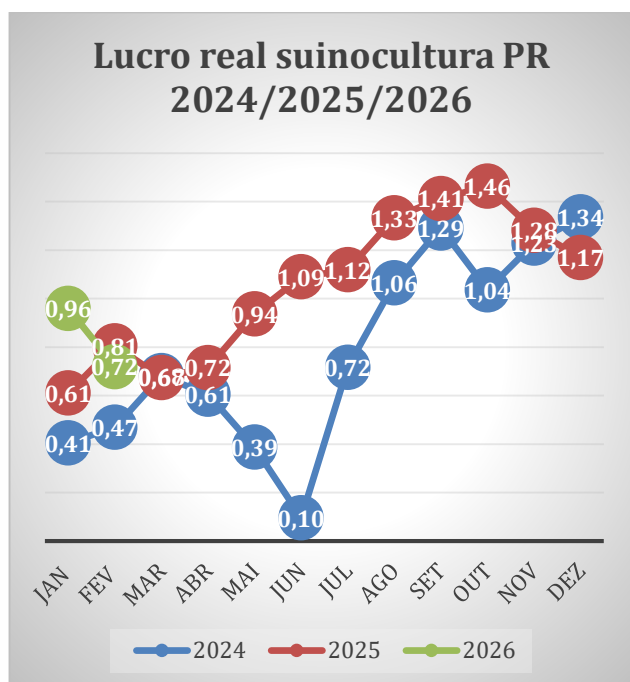
O peso médio de carcaça dos animais abatidos no estado variou de 257kg/cabeça em 2024 para 255kg/cabeça em 2025. Nesse quesito, a média paranaense fica abaixo da nacional, que também variou para baixo no período analisado (260,9kg/cabeça em 2024 para 258,5kg/cabeça em 2025).

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Após atingir o maior valor de 2025 em outubro, o lucro da produção de suínos no Paraná apresentou recuo pelo quarto mês consecutivo em fevereiro de 2026, como ilustrado no gráfico a seguir. O indicador foi obtido pela diferença entre o preço recebido pelo produtor pelo suíno, conforme levantamento do Deral, e o custo de produção estimado pela Embrapa Suínos e Aves, sendo os valores deflacionados pelo IPCA, com fevereiro de 2026 como base.



Em janeiro de 2026, o resultado foi de R\$ 0,96/kg, representando uma redução de 17,6% em relação a dezembro de 2025.

Retrações no lucro durante o mês de janeiro são recorrentes, em razão da menor demanda interna e externa característica do período. Apesar da redução mensal, na comparação com janeiro de 2025, verificou-se crescimento em termos reais de 57,7% (R\$ 0,35/kg).

Em fevereiro de 2026, o lucro recuou para R\$ 0,72/kg, o que corresponde a uma queda de 25,2% (-R\$ 0,24/kg) em relação ao mês anterior. Diferentemente do observado em janeiro, o resultado foi inferior ao do mesmo período de 2025, com redução real de 10,6% (-R\$ 0,09/kg).

O desempenho de fevereiro foi consequência da queda no preço do suíno, mais intensa do que a redução observada nos custos de produção. O preço recebido apresentou variação real de -5,4% (-R\$ 0,37/kg) em relação a janeiro e de -9,6% (-R\$ 0,70/kg) frente a fevereiro de 2025. Já o custo de produção recuou -2,2% (-R\$ 0,13/kg) na comparação mensal e -9,5% (-R\$ 0,62/kg) em relação ao mesmo mês do ano anterior, considerando valores deflacionados pelo IPCA.

Caso não haja reação no preço pago ao produtor pelo suíno, a tendência é de nova redução no lucro do produtor em março, de forma semelhante ao comportamento observado no mesmo período de 2025.

FRANGO

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos (CNPSA), o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviários tipo climatizado em pressão positiva, atingiu em fevereiro de 2026 o valor de R\$ 4,72/kg. Essa realidade representa uma elevação de 0,2% (+ R\$ 0,01/kg) em relação ao mês anterior (janeiro: R\$ 4,71/kg) e de 3,1% (- R\$ 0,15/kg) em comparação com fevereiro de 2025, cujo valor foi de R\$ 4,87/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) foi de + 365,25 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos) em janeiro de 2026, representando uma alta de 0,16% em relação a janeiro que registrou 364,67 pontos e, uma queda de 3,2% em relação a fevereiro de 2025 (377,13 pontos). No ano, o ICPFrango acumulado atingiu uma variação de + 1,40%. Nos últimos 12 meses, a variação foi de -3,15%.

Comparado ao mês anterior, o ICPFrango registrou alta nos gastos com ração das aves (+ 0,39%), queda no item genética (- 0,04%) e estabilidade nos demais itens: na energia elétrica, calefação e cama, mão-de-obra, transporte e sanidade. Entretanto, considerando-se os doze meses,

tem-se: redução apenas no item ração (- 9,85%), e alta nos demais itens: genética (+ 18,56%), mão-de-obra (+ 1,87%), energia elétrica (+ 2,85%), transporte (+ 7,39%), sanidade (+9,02%) e custo do capital (+ 8,63%).

Os custos com a nutrição dos animais tiveram uma alta de + 2,10% no ano e baixa de 9,85% nos últimos 12 meses, representando 63,39% do ICPFrango. A aquisição de pintinhos de um dia - genética (com peso de 18,92% sobre o ICPFrango) teve uma alta de 0,29% no ano e crescimento de + 18,56% nos últimos 12 meses.

No Paraná (Coeficientes técnicos: área 1.500m², peso 2,9 kg, mortalidade 5,5%, CA 1,7 kg, 6,2 lotes/ano), a alimentação dos frangos de corte, principal item no custo de produção, passou a representar 63,35% do custo total de produção (R\$ 4,72/kg).

Em fevereiro de 2026 o valor da alimentação foi de R\$ 2,99/kg, o que representou uma leve alta de 0,34% (+ R\$ 0,01/kg) em relação a janeiro (R\$ 2,98/kg) e uma retração de 9,9% (R\$ 0,33/kg) em relação a igual mês de 2025 (R\$ 3,32/kg).

Nos principais estados criadores de frangos de corte e produtores de carne, os custos de produção em janeiro de 2026 foram os seguintes: Santa Catarina (R\$ 4,91/kg) e Rio Grande do Sul (R\$ 4,89/kg), sendo o primeiro 5,9% menor (- R\$ 0,31) em relação

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

ao mês anterior (R\$ 5,22/kg) e o segundo 5% menor (- R\$ 0,26) que o custo total de janeiro de 2026 (R\$ 5,15/kg).

Em fevereiro de 2026, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor no Paraná foi de R\$ 4,72/kg, representando uma alta de 2,21% em relação ao preço médio estadual do mês anterior (+ R\$ 0,10), cujo valor foi de R\$4,62/kg. Mesmo com a elevação de 1,7% (+ R\$ 0,08/kg) sobre aquele praticado em igual mês do ano anterior (fevereiro: R\$ 4,64/kg), ainda está 4,1% menor (- R\$ 0,20) que o preço médio estadual alcançado em todo ano de 2025 (R\$ 4,92).

Resumindo: o preço nominal médio do frango vivo ao produto, no Paraná, fechou em fevereiro de 2026 no valor de R\$ 4,72/kg, empatando com o custo médio de produção da ave viva, que no computo do mesmo mês resultou no valor de R\$ 4,72/kg.

CODORNAS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

A criação de codornas, denominada coturnicultura, é um setor em franco crescimento no Brasil. Essa ave pertence à ordem das Galináceas, família das Phasianidae, subfamília dos Perdicinae e ao gênero Coturnix, que engloba diversas espécies. A mais conhecida e difundida mundialmente é a *Coturnix coturnix*,

popularmente chamada de codorna europeia ou selvagem.

Na coturnicultura, a exploração pode se dar em três áreas principais: a produção de carne, a produção de ovos e a criação de matrizes (matrizeiros). O alto valor nutricional e o sabor tanto da carne quanto dos ovos proporcionaram uma grande expansão desse setor nos últimos anos.

Os ovos, em particular, são comercializados *in natura* e também beneficiados (descascados e/ou em conserva), sendo vendidos com maior valor agregado em bares, restaurantes e lanchonetes. Essa valorização do produto final é um forte incentivo à criação de codornas.

De acordo com a Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) de 2024, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção brasileira de ovos de codorna atingiu um volume recorde de 258,752 milhões de dúzias, um aumento notável de 6,5% em relação ao ano anterior. Em termos financeiros, essa produção gerou um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 600,730 milhões em 2024, superando o VBP de R\$ 531,097 milhões de 2023.

O efetivo nacional de codornas acompanhou esse crescimento, chegando a 15,468 milhões de aves, um crescimento de 4% comparado aos 14,874 milhões registrados em 2023.

COELHOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

A criação de coelhos é denominada de cunicultura. Segundo a classificação zoológica, o coelho é um mamífero de ordem Lagomorfo, gênero *Oryctolagus* e espécie *Oryctolagus cuniculus*. É um animal prolífero e de rápido crescimento, o que gera um rápido ciclo produtivo. O coelho doméstico descende do coelho selvagem europeu (*Lepus Cuniculus*).

A carne apresenta um alto valor energético e também baixos teores de colesterol. A carne de coelho tem 28% de proteína e 10,2% de gordura. As outras carnes possuem os seguintes teores de proteína e gordura, respectivamente: frango (20,8% e 11,0%), boi (16,3% e 28,0%), porco (11,9% e 45,0%). Os coelhos podem produzir grandes quantidades de carne rica em proteína em menos tempo que animais de outras espécies exploradas zootecnicamente.

A cunicultura oferece várias vantagens, entre elas o fato de se poder explorar carne, peles, patas, esterco e filhotes (pet shop). Embora existam muitas raças, separa-se conforme o objetivo da criação: carne, pele, lã ou filhotes (pet).

Os coelhos são herbívoros e, por isso, se alimentam de vegetais como as forrageiras,

(gramíneas e leguminosas) que podem ser: rami, soja perene, alfafa e outros vegetais como, folhas de goiabeira e bananeira. Além dos verdes, devemos fornecer-lhes também uma ração balanceada, comendo o verde e a ração de maneira equilibrada.

O Abate de coelhos pode ser feito desde os 70 dias de idade, quando atinge peso por volta de 1,8 Kg.

Na cunicultura coexistem criadores de coelhos (que possuem coelhos) e aqueles que mantêm estrutura e um trabalho profissional, visando atender a demanda do mercado consumidor. A maioria dos criadores de coelhos (granjas) desenvolvem a atividade paralelamente à outra principal, com pequenos plantéis (30 a 50 fêmeas e produção de 150 coelhos por mês).

Sabe-se que a produção atual mal dá para atender o mercado interno, embora se saiba que o mercado externo seja significativo e promissor. Por exemplo, sabe-se que na França, Itália e Espanha, o consumo de carne de coelho situa-se em 8 animais per capita ano. No Paraná inexistem informações disponíveis sobre os criadores de coelhos em escala comercial, porém a SEAB/DERAL/DCA via “Projeto VBP” levanta anualmente alguns dados por município: plantel, abate (peso) e peso por carcaça abatida.

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

Além da carne (primeira qualidade, branca, macia, saborosa, com elevado conteúdo proteico e baixo teor de colesterol), a rentabilidade da cunicultura comercial é resultado da comercialização de pele (casacos, golas, punhos, artesanatos e cola), pelo (feltros e artesanato), cérebro (medicamentos - teste do pezinho de bebês), orelhas (fabricação de gelatinas), carcaça (farinha), esterco (adubos e rações para outros animais) e sangue (soro).

As principais raças encontradas nas granjas brasileiras, são: Grande Porte (aptidão para carne e pele): - Gigante de Flandres e Gigante de Bouscat; Médio Porte (aptidão para carne e pele): Prateado de Champagne, Azul de Viena, Nova Zelândia Vermelho, Califórnia, Fulvo da Borgonha e Chinchila (aptidão para carne e pele) e Angorá (aptidão para pelo); e, Pequeno Porte (aptidão para pele): Negro e Fogo, Rex, Holandês e Russo.

O Censo Agropecuário de 1995/96, realizado no ano de 1996 (31/07), constatou que existiam no Paraná 27.931 coelhos, com criação conduzida por 2.667 criadores (10,5 coelhos por criador), dos quais 82,3% eram proprietários da terra, que desenvolviam a cunicultura.

O Censo Agropecuário de 2006 (1 a 31/2006), constatou que existiam no Paraná 54.208 coelhos, com criação conduzida por

2.675 estabelecimentos agropecuários (20,26 coelhos por estabelecimento/criador), já em nível de Brasil existiam 294.584 coelhos para 17.615 estabelecimentos agropecuários (17,62 coelhos por estabelecimento/criador).

Os principais municípios criadores de coelhos do Paraná, eram (nº de coelhos e estabelecimentos agropecuários com coelhos): Campina Grande do Sul (8.235 e 10), Tijucas do Sul (4.905 e 11), Maringá (4.019 e 5), Mandirituba (2.130 e 22), São José dos Pinhais (1.939 e 57), Capanema (1.515 e 75), Santa Isabel do Oeste (1.411 e 59), Campo Magro (1.174 e 8), Lapa (1.165 e 19), e, Marechal Cândido Rondon (854 e 59). Segundo esta fonte de dados estatísticos, os principais estados criadores, foram (nº de cabeças): Rio Grande do Sul (90.843), Paraná (54.208), São Paulo (38.810), Santa Catarina (33.814), Minas Gerais (16.717), Rio de Janeiro (11.806) e Pernambuco (10.637).

De acordo com a última edição do Censo Agropecuário do IBGE, de 2017, o Brasil tinha naquele ano 200.345 cabeças de coelhos em 16.095 estabelecimentos agropecuários. Desse total, 119.447, ou 59,6% dos animais, estavam na região Sul do país - 58.344 no Rio Grande do Sul, 37.478 em Santa Catarina e 23.625 mil no Paraná, respectivamente com 5.989, 3.122 e 2.040 estabelecimentos agropecuários com coelhos. No âmbito do país, os demais

Boletim Conjuntural Semana 12/2026 – 19 de março de 2026

estados principais criadores de coelhos, eram (plantel e número de estabelecimentos): São Paulo (18.636 e 425), Rio de Janeiro (15.791 e 492), Minas Gerais (13.496 e 840), Bahia (5.614 e 612), Pernambuco (2.946 e 376), Sergipe (2.769 e 80) e Paraíba (2.441 e 241). Em nível de Paraná, segundo o Censo Agropecuário 2017, os dez municípios principais criadores de coelhos, eram (plantel em cabeças): Borrazópolis (2.910), Planalto (796), São Mateus do Sul (612), Francisco Beltrão (582), Toledo (346), Pinhais (418), Capanema (389), Dois Vizinhos (351), Tijucas do Sul (346), e, Medianeira (345).

Segundo a SEAB/DERAL/VBP, no Paraná, em 2023, a criação de coelhos, denominada cunicultura, gerou uma renda bruta de R\$ 2,241 milhões, computando-se um plantel de 27.181 animais e com o abate gerando 183.198 kg de carne de coelhos. Nesse período a criação de coelhos distribuiu-se nestes dez principais municípios (rebanho e abate: cabeças e kg): Foz do Iguaçu (17.000 e 54.000), Tijucas do Sul (2.100 e 4.100), Francisco Beltrão (1.100 e 2.000), Salgado Filho (800 / 1.300), Dois Vizinhos (600 / 780), Santo Antônio do Sudoeste (600 e 900), Bom Jesus do Sul (450 e 680), Bela Vista do Caroba (400 e 550) e São Jorge do Oeste (330 e 490).

Já considerando a última informação disponível pela SEAB/DERAL/VBP, no

Paraná, em 2024, a criação de coelhos, gerou uma renda bruta de R\$ 1,815 milhão, computando-se um plantel de 24.170 animais e com o abate gerando 145.660 kg de carne de coelhos. Nesse período a criação de coelhos se concentrou nos seguintes municípios (rebanho e abate: cabeças e kg): Foz do Iguaçu (17.000 e 55.000), Francisco Beltrão (1.150 e 2.100), Salgado Filho (700 / 1.200), Santo Antônio do Sudoeste (580 e 850), Dois Vizinhos (600 / 780), Bela Vista do Caroba (380 e 500), São Jorge do Oeste (350 e 500), Santa Izabel do Oeste (280 e 480) e Manfrinópolis (250 e 430).

Segundo o Agrostat Brasil, em 2025 o país exportou 14.892 kg de carne de coelhos (NCM 02081000), gerando receita cambial de US\$ 33.343, ao passo que em 2024 estes números foram (6.065 kg e US\$ 12.964, representando crescimento de 145,5% no volume embarcado e 157, 2%, no ingresso de divisas externas. Empresas de três estados da federação brasileira realizaram a exportação destes 14.892 kg de carne de coelho em 2025: Bahia (14.758 kg e R\$ US\$ 33.112), Pará (134 kg e US\$ 231), Maranhão (56 kg e R\$ US\$ 1.022). Os principais destinos para a 14.892 kg de carne de coelhos vendidos em 2025, foram: Ilhas Marshall (4.700 kg e US\$ 10.048), Libéria (3.607 kg e US\$ 8.092), Singapura (1.585 kg e US\$ 3.086), Panamá (1.105 kg e US\$ 2.644) e Noruega (759 kg e US\$ 1.895).